

Maternidade Contemporânea: motivações de mulheres sem filhos

Contemporary Motherhood: motivations of childfree women

Jaqueline Moraes* / Terezinha Féres-Carneiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: O presente trabalho, parte de um estudo mais amplo sobre o desejo de filhos da mulher contemporânea, tem como objetivo investigar as motivações de mulheres sem filhos referentes à não maternidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistadas dez mulheres com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo dois anos, atuantes no mercado de trabalho. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Para atingir os objetivos formulados neste trabalho, serão discutidas quatro categorias de análise: renúncias e sacrifícios, infância parentalizada, carreira, e legado materno. Os resultados apresentam um maior número de mulheres que rejeitam ou adiam o projeto materno, pela escolha de viver uma vida livre, sem as abdições que a maternidade demanda. Concluímos que a motivação para a maternidade e para a não maternidade apresenta aspectos conscientes e inconscientes e perpassa a história familiar de cada mulher.

Palavras-chave: maternidade; mulher; filhos

Abstract: This paper, which is part of a broader study about the desire to have children among contemporary women, has the objective of investigating the motivations of childfree women with respect to non-maternity. For this purpose, qualitative research was executed in which ten women were interviewed with ages between 33-40 years of age, with no children, married or in stable unions for at least two years, and who were active in the work market. The results were analyzed according to the content analysis method in its categorical type. In order to attain the objectives formulated for this paper four categories of analysis shall be discussed: waivers and sacrifices, parentified childhood, career, and maternal legacy. The results present a larger number of women who reject the maternal projects, for the choice of living a free life. We conclude that the motivation for maternity and non-maternity presents conscious and unconscious aspects and runs through the family history of each woman.

Keywords: maternity; women; children.

Introdução

Por muito tempo, as mulheres precisaram se identificar com ideais de feminilidade que foram escritos e ditados por homens. Na antiga trama familiar, a autoridade soberana do pai prevalecia inquestionável – pelos membros da família e pela

* Correspondência para: Rua Marquês de São Vicente 225, Gávea, Rio de Janeiro, RJ CEP: 22451-900 E-mail: jaqueline.moraes27@hotmail.com

sociedade. Por meio de movimentos coletivos e lutas políticas, houve uma transformação do lugar da mulher na família e na sociedade. Em meio a essas transições pelas quais passaram as mulheres, o anseio pela ascensão profissional se insere na construção de uma nova identidade. Ao relacionarmos o fenômeno da maternidade à mulher contemporânea, observamos muitas mudanças. Anteriormente, devido aos aspectos biológicos, a maternidade era considerada um destino obrigatório da condição feminina. A ativa ocupação da mulher no grupo familiar e na sociedade, e a gradativa entrada no mercado de trabalho resultaram na inserção da mulher no espaço público. Assim, ela passou a aspirar ao desenvolvimento da carreira e poder e prestígio conquistados através do trabalho. Ocupando espaços distintos, a mulher teve que desempenhar duplos papéis, conciliando com as tarefas destinadas à esfera privada (Bruzamarello, Patias & Cenci, 2019). Segundo Braga, Miranda e Correio (2018), a inserção da mulher no mercado de trabalho e os avanços da medicina contribuíram para que ampliasse seu espaço na sociedade. Assim, tendo em vista o investimento no estudo e nas carreiras profissionais, o projeto de filhos tem sido constantemente adiado.

Com o advento dos métodos contraceptivos, as mulheres tiveram mais autonomia sobre seu corpo, desvinculando assim a relação sexual da reprodução (Fidelis & Mosmann, 2013). Nesse contexto, observa-se a ocorrência de um fenômeno, que segundo Badinter (2011) não é novo, porém é vivido de forma diferente na contemporaneidade – a não maternidade. Para se referir à realidade dessas mulheres, a autora usa o termo *childfree* (“livre de filhos”), que corresponde à vontade de não ter filhos. Porém, Safer (1994) critica a expressão, uma vez que não se poderia negar a perda envolvida na decisão pela não maternidade. Essa autora afirma que ter ou não ter filhos implica em perdas e ganhos e por isso optou por usar o termo *childless* (“sem filhos”), que transmite uma conotação de perda devido ao sufixo *less*. Entretanto, para alguns pesquisadores contemporâneos, o termo *childless* é adotado para definir a condição da mulher que não tem filhos por razões biológicas, embora muitas vezes o desejo de filhos

esteja presente (Tanturri & Mencarini, 2008; Agrillo & Nelini, 2008). Segundo Brooks (2019) *childless* é o termo para nomear mulheres em período fértil, que não têm filhos, no campo das ciências sociais, assim, elas são definidas por aquilo que lhes falta. Nessa perspectiva, para distinguir mulheres voluntariamente sem filhos, das que não os têm por outros motivos, como infertilidade, nas décadas de 1970 e 1980, empregou-se a expressão “*voluntary childlessness*” (Houseknecht, 1987; Nason & Paloma, 1976). Deste modo, cabe ressaltar que, para se referir a uma escolha ou decisão intencional de não ter filhos, estudos mais recentes empregam os termos *childfree*, *voluntary childlessness* ou “*intentional childlessness*” (Tanturri & Mencarini, 2008; Agrillo & Nelini, 2008; Brooks, 2019).

A pesquisa de Fidelis e Mosmann (2013) aponta que a decisão voluntária pela não reprodução é sustentada a partir da negação da identidade materna, ou seja, a escolha realizada é vivenciada através da rejeição de outra identidade. Para estas pesquisadoras, as mulheres passam a se reconhecer a partir de um lugar e não de outro. Entendemos que apesar da decisão por não ter filhos estar cada vez mais comum, ela envolve questões conscientes e inconscientes e pode ser vivenciada de forma ambivalente e conflitante. Tal fato se dá pela pressão exercida pela sociedade, em que se recusar a ser mãe ainda não é um caminho aceitável e que as mulheres sem filhos são rotuladas como egoístas (Letherby, 2002; Gillespie, 2000). Badinter (2011) relata que a maternidade como escolha foi uma conquista de uma época atual, porém, ainda assim, muitas mulheres não conseguem sustentar a decisão por uma vida sem filhos. A autora ainda acrescenta que a antiga realidade das mulheres era diferente, uma vez que não encontravam outro destino para suas vidas que não fosse a maternidade. É pertinente elucidar que, no presente estudo, quando apresentamos o desejo feminino de filhos, consideramos a perspectiva teórica da psicanálise, que articula a noção de “desejo” como aquilo que remete o sujeito a algo que lhe falta (Kaufmann, 1996). Na linha desse pensamento, Freud (1925/1976) buscou compreender o desejo de ter filhos atrelado a uma falta,

considerando o conceito falocêntrico, quando a menina se depara com a castração. Na visão freudiana, após aceitar a inferioridade orgânica da ausência do pênis, a menina busca três linhas possíveis para desenvolver-se; uma delas é superar a inveja do pênis através da maternidade, na qual o filho representa para a mulher um sentimento de inteireza e um estágio de completude. O processo subjetivo da mulher propõe que o espaço designado a um filho é consequência de um complexo percurso da situação edípica. Entretanto, depois de algum tempo, ficou evidente para o criador da Psicanálise que a questão do feminino não se esgotava com a reprodução, o que o fez redimensionar novas considerações acerca dessa temática. Partindo de tais pressupostos, é em nome do desejo, e é no vazio da falta, que nasce uma criança, seja ela biológica ou adotiva.

Porém, diante de um novo cenário contemporâneo, afirmar que todas as mulheres desejam a maternidade seria um erro, uma vez que o paradigma que atrelou a feminilidade à maternidade não é mais capaz de definir a identidade feminina. O desejo de ter filhos deixa de ser universal para ser pensado de forma singular, levando em consideração cada mulher de forma individual. Nesse caso, a maternidade se configura como mais uma via de investimento para as mulheres, e não como única via (Braga, Miranda & Correio, 2018).

O crescente fenômeno da não maternidade leva a um questionamento; por que as mulheres rejeitam o projeto materno? Em uma sociedade pró-natalidade, que exalta o amor maternal, se distanciar da expectativa social pode ser um caminho bem solitário. Por outro lado, Badinter (2011) ressalta que, em um contexto no qual o individualismo se estabelece como princípio, a escolha por ter filhos passa a ser uma contradição, pois se entende que ser mãe é dividir o seu corpo e vida com outro ser, estando suscetível até ao esmaecimento de si mesma. Para Bauman (2011), a liquidez das relações modernas contrasta com a ideia de maternidade, uma vez que a escolha por ter filhos se configura em um vínculo vitalício, repleto de responsabilidade e abdicações.

Compreendemos que o desejo de filhos pode apresentar diversos significados dependendo do contexto histórico e social em que a pessoa está inserida. As mulheres pertencentes a classes sociais menos favorecidas dispõem de poucas informações sobre métodos contraceptivos e pouco acesso a eles. A maternidade proporciona uma sensação ilusória de preenchimento diante do vazio engendrado pela ausência de expectativa de futuro, de modo que ser mãe nesse cenário socioeconômico é uma forma de oferecer sentido à própria existência (Donath, 2017). Nessa perspectiva, observamos a carência de literatura direcionada às motivações para ter filhos em mulheres em situações sociais precárias, e atribuímos isso à invisibilidade inerente a esse grupo social. Assim, não podemos desconsiderar elementos culturais, econômicos, étnicos e educacionais que interferem nas decisões reprodutivas de diferentes mulheres ao redor do mundo (Lima, 2013). Isso faz com que sejamos impelidos a pensar não na “mulher”, mas em “mulheres”, e questionarmos a qual mulher estamos nos referindo. A investigação acerca desta temática revela-se extremamente importante na atual conjuntura, na qual o anseio pela construção de uma família biológica esbarra em uma nova realidade feminina repleta de outros projetos e ambições. Nesse panorama, ainda existe um discurso social que condena e rotula a mulher que rompe com o modelo feminino tradicional.

Desse modo, compreender as motivações referentes à não maternidade poderá trazer subsídios para a prática clínica com mulheres e casais que se deparam com essa questão, haja vista a carência de pesquisas nacionais abordando esse tema. Os profissionais precisam acompanhar constantemente as mudanças que ocorrem na sociedade e identificar as transformações, com o propósito de evitar que os novos arranjos familiares permaneçam sendo comparados aos antigos modelos idealizados.

A partir de tais considerações, o presente estudo, que é parte de uma investigação mais ampla sobre o desejo de ter filhos da mulher contemporânea, tem como objetivo investigar as motivações de mulheres sem filhos, pertencentes às camadas médias

urbanas, referentes à não maternidade. Motivação é um conceito amplamente usado na psicologia, representada por uma força interna que impulsiona a ação em direção a um objetivo. Para melhor compreensão do nosso trabalho, definiremos motivações como aspectos psicológicos ou disposições latentes, percebidos pelas mulheres de modo favorável ou desfavorável a ter ou não ter filhos (Miller, Severy, & Pasta, 2004). Segundo este pesquisador, são as motivações, que podem ser negativas ou positivas, que vão impulsionar ou não a tomada de decisão reprodutiva. A relação estabelecida com suas mães e as percepções herdadas sobre maternidade, o desejo de liberdade, e a experiência de maturação precoce na infância, relacionados a múltiplas outras influências, podem atuar para as mulheres como motivações para a não maternidade. Desse modo, a motivação atua como força motriz por trás da intenção reprodutiva, e só adquire um caráter energizante quando interposta pelos aspectos psicológicos e comportamentais (Varas & Borsa, 2021).

Método

Participantes

Participaram do estudo dez mulheres pertencentes às camadas médias urbanas da população do Rio de Janeiro e região metropolitana, com idades entre 33 e 40 anos, sem filhos, casadas ou em união estável há no mínimo 2 anos, atuantes no mercado de trabalho. Não foram excluídas mulheres que, talvez, ainda quisessem ter filhos. Foram excluídas mulheres com problemas de infertilidade. Para o estabelecimento da idade das participantes, tomou-se como base o período em que se acentua a preocupação com o declínio da fertilidade, que tem início nessa faixa etária, de acordo com Fidelis e Mosmann (2013). Optou-se por estudar mulheres casadas, ou em união estável, há no mínimo 2 anos, visto que a situação conjugal é um aspecto de grande influência nas decisões reprodutivas, e o período escolhido se configura em um tempo mínimo para

adaptação da relação. No que se refere à atuação no mercado de trabalho, compreendemos que a dedicação à carreira pode trazer dados relevantes às questões que pretendemos analisar. Cabe salientar que as entrevistadas se autodeclararam sem problemas de infertilidade, de modo que não houve nenhum exame comprovando tal afirmação. Para apresentação dos resultados foram atribuídos nomes fictícios a cada participante. A Tabela 1 apresenta a descrição do perfil das entrevistadas:

Tabela 1
Perfil das participantes

Participantes	Idade	Profissão	Tempo de casada
Laura	36 anos	Comunicação Social/Jornalismo	6 anos
Glória	38 anos	Matemática	9 anos
Gisele	33 anos	Empresária/ Administração	2 anos
Flávia	37 anos	Dentista	2 anos
Amanda	33 anos	Professora universitária/ Jornalista	2 anos
Renata	39 anos	Professora- Pedagoga	10 anos
Luiza	33 anos	Publicitária	7 anos
Maria	34 anos	Professora de música/ Cantora	2 anos
Bruna	37 anos	Psicóloga	4 anos
Verônica	40 anos	Advogada	12 anos

Instrumentos

Foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente, incluindo hesitações, risos, atos falhos, e silêncios das entrevistadas. O roteiro oculto das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, e contemplou perguntas sobre os seguintes eixos temáticos: feminino, aspectos motivacionais referentes ao desejo de filhos, expectativas sociais, trabalho, maternidade, e família de origem. A ordem de emergência desses temas foi determinada pelo próprio fluxo da entrevista. A entrevista teve início a partir

de uma pergunta disparadora que permitiu à entrevistada uma fala espontânea, com elementos contraditórios marcados pela multidimensionalidade do discurso.

Procedimentos

As participantes deste estudo foram selecionadas a partir da rede de conhecimento da pesquisadora, por meio da divulgação do perfil necessário para participação nos grupos sociais e mídias digitais, constituindo assim uma amostra de conveniência. As entrevistas foram individuais e presenciais, agendadas por telefone, realizadas em local determinado pelas participantes, e tiveram duração média de uma hora.

Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade onde o estudo foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a utilização dos dados coletados para fins de pesquisa e publicação científica. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a identidade das entrevistadas. Após o término dessa investigação, as gravações das entrevistas foram apagadas. As transcrições estão armazenadas em local sigiloso, sem identificação, em caixas-arquivo, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da pesquisadora, sua orientadora e da instituição de ensino.

Análise dos resultados

Para a avaliação dos dados, as transcrições das entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo, na vertente categorial, tal como proposta por Bardin (2011). Das narrativas emergiram várias categorias de análise. Para atingir os objetivos

propostos neste estudo serão apresentadas e discutidas quatro categorias de análise: *renúncias e sacrifícios, infância parentalizada, carreira, e legado materno*.

Resultados e discussão

Os resultados do nosso estudo mostraram que seis das entrevistadas não pretendiam ter filhos, enquanto quatro ainda o desejavam.

Renúncias e sacrifícios

Os fenômenos sociais e culturais possibilitaram um novo panorama sobre a ideia de maternidade na sociedade atual. Em um contexto no qual a maternidade não é mais vista como único meio para a plenitude pessoal, o ter filhos pode se apresentar como obstáculo para as mulheres conquistarem outros objetivos.

Eu acho que traria restrições para minha vida, de planos que eu tenho que eu acho que eu não gostaria de abrir mão e que eu acho que a maternidade me tiraria certas possibilidades. Eu acho que eu perderia, por exemplo, a oportunidade de estar fazendo uma pós agora. Há possibilidade de realizar projetos de viagens, projetos profissionais, eu acho que eu perderia muito se eu fosse mãe. (Bruna, 37 anos)

Não quero, porque eu não quero abrir mão da minha vida pra cuidar e fazer tudo que eu acabei de falar por um outro serumaninho. Nesse momento acho que minha vida me basta. O que eu tenho eu não gostaria de abrir mão, das saídas que eu faço, porque nem sempre cabe uma criança. Eu gosto disso, eu gosto de sair sem ter hora pra voltar, eu gosto de sair pra praia e encontrar os amigos, e de lá emendar um bar, de lá ir pra outro lugar, sem ter ninguém pra me preocupar. Então são essas coisas que você precisa abrir mão, porque primeiro vem a criança por muito tempo e depois vem você. Pode parecer egoísmo... (Laura, 36 anos)

Isso de abrir mão das coisas de boa, de não ser uma coisa pesada, vou abrir mão disso porque eu tenho filho, para fazer isso pelos meus filhos. Hoje não sendo mãe eu fico, caraca não vou fazer isso não, mas eu sei que isso pode acontecer, o jogo pode virar em algum momento, não sei. (...) Quando eu penso que não dá pra eu ter essa coisa vitalícia, eu sou muito desgarrada, e cara, o filho é pra

sempre, concurso público é pra sempre. Eu fico muito com medo, fico muito assustada, então eu não teria hoje em dia, quando eu falo que eu não teria, eu não teria por isso. (Maria, 34 anos)

Eu vejo a minha mãe com o meu irmão, que tem a mesma idade quase que eu e até hoje ela liga e fala; ‘ah seu irmão fez isso’. E eu falo; ‘mãe sossega, ele já é um homem adulto’. E saber que pra sempre eu vou ter aquela coisa me atormentando na cabeça, de ter essa preocupação, mas essa coisa de você nunca mais ter a sua paz, eu acho que é isso. E isso pesa na minha decisão, e pra mim é a responsabilidade. Eu não quero essa responsabilidade. É extremante egoísta da minha parte falar isso, mas eu não quero isso. (Glória, 38 anos)

Os relatos das entrevistadas associam a maternidade à abnegação e perdas. Tais resultados corroboram o que é ressaltado por Bardinter (2011), quando afirma que as mulheres *childfree* não conseguem ver os benefícios da maternidade, mas apenas os aspectos de abnegação e sacrifícios. Isso porque a maternidade e as virtudes que ela pressupõe não são evidentes. A busca pela plenitude pessoal e satisfação individual predispõe as mulheres a se fazerem perguntas que não faziam anteriormente, como questionarem sobre os custos que um filho pode trazer para as suas vidas.

Em consonância com os estudos de Hoffman e Hoffman (1973), percebeu-se, pelas falas das entrevistadas, uma falta de disponibilidade em vivenciar a maternidade, além dos prejuízos que ter filhos acarretaria para sua rotina, lazer e projetos futuros. Estes autores ressaltam que os sacrifícios e privações necessários para ter um filho influenciam na tomada de decisão reprodutiva, uma vez que a criança é reconhecida como um “custo” para o genitor.

Tal resultado nos faz refletir sobre a construção da mulher na história, que por muito tempo foi reconhecida por abdicar de si em prol do outro. Com isso, a moral feminina viveu por anos a ausência de direitos iguais, as perdas e as condições submissas em que eram colocadas. Podemos pensar, diante das falas das entrevistadas, que a mulher contemporânea não está mais disposta a perder, depois de conquistar

seu espaço na sociedade e na família. Assim, quando consegue se libertar do domínio do patriarcado, se depara com “a majestade é o bebê”.

As narrativas apontam uma sequência de renúncias que a maternidade demanda, e que as mulheres não estão dispostas a vivenciar. Podemos pensar tal recusa pela reprodução como uma reação face à regressão consentida em nome no amor incondicional que se tem pelo filho. Assim, compreendemos que as responsabilidades maternas começam desde o início da gestação, naquele instante em que se desaconselha a mulher a beber, a fumar e sugere-se que se alimente bem, entre outras tantas recomendações. Seria o fim dos prazeres, da liberdade e tranquilidade próprios de quem não é mãe?

Como destacado por Badinter (2011), a partir de um dilema hedonista, existe uma contradição entre a vivência da maternidade e os tempos modernos. Em consonância com o ressaltado pela autora, nossas entrevistadas elegem o próprio bem-estar como prioridade, apontando que não estão dispostas a abrir mão das suas necessidades para atender as exigências da maternidade. Esse fato fica evidente quando Laura aponta a impossibilidade de incluir uma criança na sua agitada rotina, e questiona se estaria sendo egoísta por pensar dessa forma; assim como Glória, que também faz alusão ao sentimento egoísta por estar priorizando a si mesma. As preocupações decorrentes dessa decisão vêm da ideia social de que as mulheres que se esquivam da responsabilidade materna são egoístas (Badinter, 2011).

A natureza feminina dá testemunho, em alto grau, de qualidades como solicitude e acolhimento, logo, ignorar a maternidade seria ir contra as virtudes que constituem o ideal de identidade feminina (Badinter, 2011). Uma vez que, no discurso social, a maternidade é sinônimo de doação, e gerar uma criança é um dos maiores atos altruístas do humano, a mulher que se distancia disso seria digna de pena ou de censura. Assim, os estereótipos negativos recaem sobre essas mulheres e, muitas vezes, ecoam dentro delas como verdadeira pressão de estarem se esquivando da

responsabilidade enquanto mulheres, como vemos mais claramente no relato de Glória.

Porém, para as entrevistadas, como observado nos relatos que corroboram os estudos de Badinter (2011), a criança representa sacrifícios, obrigações frustrantes e ameaça à liberdade. Isso porque, enquanto a realidade materna conduz a grandes mudanças de prioridades na vida da mulher, o discurso contemporâneo de “primeiro eu” se estabelece como princípio de uma modernidade líquida que é incompatível com a ideia de maternidade, pois o bebê ocupa um lugar central na vida da mãe. Podemos compreender que o peso atribuído à maternidade vai contra o “sentir-se livre”. Esse aspecto encontrado confirma o que é apresentado por Bauman (2001), quando ressalta que a sensação de liberdade é não vivenciar dificuldade ou impedimento nos projetos almejados. Este autor aponta que a ausência de peso na vida do indivíduo contribui para mobilidade; quanto mais leves, mais agilmente caminhamos. A fala de Laura, quando ressalta que um filho lhe tiraria a agilidade e liberdade de ir de um lugar a outro, ilustra o pensamento do filósofo. Os resultados de nosso estudo foram semelhantes aos encontrados na pesquisa de Badinter (2011), que apontaram que um dos motivos para rejeitar o projeto materno diz respeito a querer manter o estilo de vida livre.

Observamos, no relato de Glória e Maria, que a preocupação e cuidado que uma criança necessita por um longo período e o compromisso vitalício com os filhos se configuram em uma motivação negativa para a maternidade, tal como mencionado nos estudos de Bauman (2001) sobre a sociedade contemporânea, pouco receptiva a objetivos e esforços de longo prazo. Nesse sentido, ser mãe é uma história sem fim, e uma experiência perpétua, em que não se têm férias ou interrupções. O sentimento de responsabilidade em relação aos filhos não costuma desaparecer, mesmo que já estejam adultos, como ilustrado pela fala de Maria sobre a mãe. Assim, a rapidez e

fluidez descritas por Bauman não comportam essa experiência interminável que é a maternidade.

Destacamos a ambivalência presente na fala de Maria, quando ressalta que “o jogo pode virar” em relação à decisão tomada. A presença de sentimentos contraditórios e ambíguos faz parte de um complexo interjogo entre ameaças de arrependimento futuro e a ausência de desejo em relação à maternidade. Como um processo lento e não inteiramente consciente, a decisão por não ter filhos causa sentimentos e dúvidas por envolver um elemento tão central da identidade feminina. A maternidade é tão atrelada à noção de feminilidade que reorganizar esse novo conceito de subjetividade feminina demanda tempo.

Infância parentalizada

Sabemos que algumas funções parentais são insubstituíveis e que cabe aos pais a responsabilidade pelo cuidado dos filhos. Porém, nos casos narrados, os progenitores tiveram uma indisponibilidade em assumir alguns dos seus papéis e as crianças tiveram que se encarregar deles. Essa categoria apresenta como as repercussões do processo de parentalização – no qual os filhos assumem as funções parentais – podem interferir na escolha de ter filhos.

E que pesou pra eu não querer filhos foi que eu assumi muita responsabilidade muito nova, e na hora que eu dei aquela respirada mesmo, ufa, estou em uma situação confortável, aí vem um filho? Eu não desejo assumir uma responsabilidade dessa depois de tantos anos de responsabilidade que eu assumi, ninguém me colocou lá não. Eu podia ter fugido como fez minha irmã, ela tinha condições, então eu escolhi e assumi, beleza. Só que agora pensar, puxa, agora eu respiro, agora eu posso fazer o que eu quiser, agora eu posso viajar, e com filho a coisa mudaria. Isso pesa. Eu meio que fui colocada, na cabeça deles se você trabalha tem que ajudar em casa, mas passou a ser tudo, eu pagava tudo, água, gás, luz, tudo novinha e só eu. Eu deixei de viver muitas coisas. Eu deixei de viver o que minhas amigas viviam, embora os meus pais não me proibissem de nada. (Renata, 39 anos)

Não sei, acho que isso pode ter ajudado eu não querer ter filho, porque muitas vezes eu trocava o lugar, invertia o lugar, tenho plena consciência disso, dessa inversão do lugar, de me sentir muito mais mãe e dando bronca porque foi para um lugar perigoso e acabou sendo assaltada. Acho que porque talvez a minha mãe por não ter um estudo maior ela me pediu muita ajuda em algumas coisas assim. Eu já tinha uma idade para ficar em casa sozinha, eu assumi a responsabilidade da casa. Eu tinha que cuidar da casa, só não fazia comida porque ela ficava preocupada comigo, mas criança ainda eu fazia o rodízio com ela na barraca onde ela trabalhava, onde ela atende as coisas, às vezes eu ia para ela e ficava à tarde lá sozinha para ela fazer outra coisa. Eu acho que me colocou em contato com uma realidade cedo, de responsabilidade com as coisas do que a vida de adulto demanda e me colocou mais cedo. (Bruna, 37 anos)

As falas, que apresentam a inversão dos papéis parentais ainda na infância, corroboram o que foi ressaltado por Mello, Féres-Carneiro e Magalhães (2019) sobre o fenômeno da parentalização, no qual o filho se encarrega das funções parentais de forma prematura, tendo seus processos de maturação acelerados. Na linha dessas considerações, podemos pensar em como a parentalização se relaciona com o desejo de não ter filhos, uma vez que as entrevistadas mostram como o excesso de responsabilidades na infância repercute nessa decisão. Compreendemos que a menina que vivencia a inversão geracional na infância e adolescência pode ter outra construção de maternidade. Isso porque, na falta de um ambiente familiar seguro que ofereça cuidado, a criança pode desenvolver uma forma de se ajustar à situação familiar e aos pais insuficientes, muitas vezes se tornando pai/mãe deles. A solidão vivenciada pela ausência do exercício materno pode originar um sentimento de abandono e uma incredulidade na boa maternagem. A incapacidade e despreparo da mãe, enquanto figura de cuidado, pode promover a situação familiar de filiação invertida, favorecendo a decisão pela não maternidade, como aconteceu com algumas entrevistadas.

Entendemos, também, que as participantes podem ter uma recusa de investimento narcísico em um filho, uma vez que agora estão investindo

exclusivamente em si. O resultado obtido vai ao encontro do que foi postulado por Brazelton (1992), quando o autor ressalta que a perda prematura da posição infantil e os encargos assumidos na família de origem podem interferir no desejo de filhos. Isto ocorre por causa das exigências a que a mulher passa a ter que atender com o nascimento de um filho, uma vez que são necessárias diversas adaptações, deslocamentos e alterações nos investimentos afetivos, para que a criança passe a existir enquanto indivíduo. Acrescentamos, ao elucidado por Brazelton, que a necessidade de amadurecimento rápido para atender às funções parentais pode ter repercussões na vida adulta e na transição para maternidade. Depois de ocuparem o lugar de “mães de seus pais” em um momento muito precoce da vida, essas mulheres podem optar por recusar o projeto materno na intenção de viverem outros imperativos e realizações

Bruna declara ter consciência de ter ocupado o lugar materno de cuidado, principalmente relacionado ao suporte emocional, devido a uma inabilidade e imaturidade da mãe em cuidar de si. Essa perspectiva faz menção ao que Jurkovic (1997) nomeia como função emocional, constituinte da parentalização que exerce maior sobrecarga e prejuízos para a criança por assumir de forma precoce o papel parental. As narrativas elucidam bem o que Shover (2005) aponta como o esgotamento causado no sujeito por desempenhar o papel de cuidador de outros familiares. Como no exercício de cuidar do outro – esse cuidado endereçado a outras pessoas, que não necessariamente os filhos, mas na dedicação aos pais, sobrinhos, irmãos, muitas vezes ligado culturalmente ao papel feminino. Assim, o ato de maternar não é condicionado ao aspecto biológico da maternidade, e, socialmente, as mulheres muitas vezes cumprem essa função, o que pode se tornar exaustivo. Este autor sinaliza que tais questões familiares atuam como aspectos negativos para maternidade.

O fenômeno da parentalização associado à não maternidade é um dado novo na literatura nacional, ou possivelmente não identificado até o momento, por isso,

apesar da reduzida produção teórica, vimos, a partir das falas, que a necessidade de assumir competências adultas precocemente fez com que algumas de nossas entrevistadas rejeitassem os futuros encargos que a maternidade demanda. Assim, não podemos desconsiderar as repercussões da infância parentalizada no desejo futuro de filhos, uma vez que o processo de inversão geracional tem consequências significativas para o universo infantil e desenvolvimento subjetivo do indivíduo (Mello, Féres-Carneiro & Magalhães, 2019).

Carreira

A entrada da mulher no mercado de trabalho provocou transformações na imagem feminina e na sua forma de se relacionar com a maternidade. Tendo em vista o investimento no estudo e nas carreiras profissionais, o projeto de filhos vem sendo cada vez mais questionado e adiado.

O trabalho, o trabalho, sempre o trabalho. Já estou casada há 12 anos, meu relacionamento tem 22 anos e logo assim que eu casei, eu tava me formando, não eu já estava formada e fui fazer minha pós, terminei e dali em diante eu já poderia ter tido. Demorou bastante até sair a promoção, mas a gente fica naquela expectativa e a gente vai adiando, adiando, adiando e eu adiei a vida toda. (Verônica, 40 anos)

Eu acho que já vivi situações em que a possibilidade de ser mãe atrapalhou na carreira, por exemplo, eu fui convidada para fazer entrevista duas vezes, dois momentos diferentes. Uma há dois anos atrás e uma há um ano atrás. E nas duas me fizeram uma pergunta, tipo você está casada há tanto tempo e você não tem filhos, e aí você vai querer ter filhos? E eu sei que isso é um impedimento. E eu sei que isso foi um ponto negativo, não sei se foi o motivo de eu não ter passado. (Luiza, 33 anos)

Percebe-se, pelos relatos, que a profissão interferiu na decisão reprodutiva das entrevistadas, que, absorvidas pelo trabalho, postergaram a maternidade. A investigação realizada por Bruzamarello, Patias e Cenci (2019) mostrou resultados semelhantes, ao apontar o número cada vez maior de mulheres priorizando o

desenvolvimento do estudo e profissão em detrimento da maternidade, principalmente nas camadas médias e altas da população. Cabe lembrar as transformações do lugar da mulher na sociedade, com sua inserção no mercado de trabalho, ela passou a desempenhar diversos papéis, como de esposa, de mãe e de profissional. Percebe-se uma valorização da independência financeira e prazer em estar inserida no âmbito laboral. Desse modo a mulher atual investe em sua carreira e considera a possibilidade de a maternidade comprometer seus projetos profissionais. O adiamento do projeto parental atua como uma alternativa adotada pelo casal para atender às necessidades profissionais e pessoais da contemporaneidade

Ainda nessa perspectiva, a vivência de Luiza chamou atenção, uma vez que a maternidade se apresenta como obstáculo já na entrevista de emprego. O mesmo dado foi obtido por Blair-Loy, Rogers, Glaser, Wong, Abraham e Cosman (2017) sobre a diferença nas entrevistas de emprego, comparando os gêneros masculino e feminino. A narrativa de Luiza mostrou, assim como os resultados destes pesquisadores, que as candidatas recebem questionamentos mais frequentes sobre maternidade, e muitas empresas argumentam que precisam saber se as mulheres têm intenção de engravidar, para avaliar a disponibilidade e o período de licença. Encontramos poucos estudos que abordem a discriminação em relação às mulheres nas entrevistas de emprego, que já são alvos de questionamento sobre a maternidade. Acreditamos que tal escassez de produção teórica específica sobre o assunto possa se dar pela forma velada com que acontecem as perguntas nas entrevistas, provocando confusão e um entendimento ambíguo na candidata.

Contudo, ao contrário do que apontam alguns estudos (Rocha-Coutinho, 2011; Badinter 2011) sobre a interferência negativa da carreira no projeto materno, algumas entrevistadas não relacionam a profissão como motivo para a ausência de filhos.

Então não na minha empresa, não aonde eu trabalho. Eu acho que eu nunca deixei de pensar, a não posso engravidar agora por causa do trabalho. Eu acho que, eu vejo tantos exemplos nesse lá, a minha empresa tem 60% de mulheres

então é muito comum. Na minha área eu acho que são 90% de mulheres, só eu e as mais novinhas que não tem filho, então eu acho que é tão natural, tão comum, acho que é super conciliável. (Luiza, 33 anos)

Não, não acho que foi o trabalho. A gente está junto há 13 anos, eu e meu marido, mas nos últimos 6 anos que a gente mora junto efetivamente, mas até um tempo antes disso a gente terminou e voltou muitas vezes. Entrei em uma nova fase e queria viver aquilo, morar com ele, viajar com ele, ter a minha casa. Não sei o que tem a ver com o quê, mas o trabalho nunca me preocupou em relação a isso. Eu acho que me preocupava mais a questão do relacionamento do que do trabalho. (Laura, 36 anos)

Embora a profissão se apresente como um fator relevante na vivência dessas mulheres, ela não atua como obstáculo para maternidade. Para Laura, o relacionamento conjugal foi mais determinante para sua escolha de não ter filhos, do que o trabalho. Ao contrário do estudo realizado por Rocha-Coutinho (2011), sobre o fenômeno “volta ao lar”, todas as entrevistadas do nosso estudo afirmam que não abririam mão da carreira profissional para atender às demandas da maternidade. Nos resultados da referida pesquisadora, inicialmente algumas mulheres não pretendiam interromper a carreira, entretanto, depois decidiram abrir mão temporariamente da profissão para se dedicarem à maternidade de modo integral. Por outro lado, também encontramos semelhanças com os estudos desta autora, sobre a interseção carreira-família, que apontam a crença feminina na manutenção das responsabilidades com a família simultaneamente com os encargos profissionais. Tal fato pode ser observado no relato de Luiza que afirma que, caso tivesse filhos, poderia ajustar trabalho e maternidade, conciliando ambas as esferas.

Legado Materno

Ter um filho evoca experiências do próprio passado com os progenitores, uma vez que a maternidade reatualiza as fantasias infantis e as vivências com o cuidador primário. Desse modo, a escolha por ter filhos não pode estar isenta da influência do

vínculo inicial entre mãe e filha, visto que a relação entre ambas é repleta de ambivalência e conflitos.

O porquê de não ter? Porque eu acho que eu não me encaixo nesse ideal que eu tenho de maternidade. É, por questões muito por isso, porque não me encaixo o ideal da paciência, dessa devoção, de se estar para o outro, desse viver para o outro, que eu acabo entendendo que isso é uma vivência para o outro, acho que talvez por ter visto a minha mãe se anular muito. Eu acho que o que eu vi a minha mãe perder com a maternidade me fez não querer ter filhos, isso eu tenho muito claro. (Bruna, 37 anos)

Peso pela resposta que é de ser igual a minha mãe foi, de ser igual a minha mãe é na verdade. Então acho que nesse sentido de peso, não que a criança fosse um peso, mas se eu faço essa comparação de ser uma mãe igual a ela, acaba que eu tenho essa resposta de transmitir o que ela fez, o que ela faz. Então quando eu penso assim, caraca e se eu não for mãe igual a minha mãe eu vou ficar meio frustrada. Então eu prefiro não ser, porque eu não quero dar conta de tudo isso que ela deu conta, eu fico um pouco assustada. (Maria, 34 anos)

Minha mãe era dura, muito dura, se precisar dar castigo e apanhar, a gente apanhava do que fosse, mas eu vejo também que eu era bem levada e eu tenho uma personalidade muito forte, de repente foi a maneira que foi ensinado para ela de corrigir. Não era uma relação muito amigável, eu fui aprender a ser amiga dela depois de muito adulta, de entender, de perdoar. Ela abriu mão três vezes de trabalhar. Se eu fosse pensar no que minha mãe passou, eu não ia querer ser mãe. (Flávia, 37 anos)

Esses resultados são consistentes com a pesquisa de Lima (2013), e percebemos, por meio da fala de Flávia, que o relacionamento com uma mãe hostil, distante ou demasiadamente envolvida pode contribuir para o desapontamento com a maternidade. Observamos, nos relatos de Bruna, que ver a mãe abrir mão da carreira e de outras realizações pela família causou um impacto na decisão de não ter filhos. É possível que para essas filhas a não reprodução seja uma reação de recusa ao modelo de maternidade da mãe.

Isso foi também observado no estudo de Safer (1996), que aponta que filhas que perceberam os projetos interrompidos e frustrações das mães por causa da

maternidade podem temer repetir aquele destino com tantas abdições. Essa perspectiva também corresponde ao estudo de Badinter (2011), em que as mulheres justificam a recusa de filhos pela experiência frustrante das próprias genitoras em relação à maternidade. Como as autoras ressaltaram, a possibilidade de repetir a experiência negativa da mãe, ou ter os sonhos interrompidos como a progenitora, pode surgir como impedimento para a maternidade. De modo que viver uma outra relação mãe-filho seria retornar ao próprio passado, rememorando situações e sentimentos que ainda causam intensos sofrimentos.

Outro aspecto destacado pelas participantes é a insegurança de não corresponder de forma exemplar à maternidade como suas mães a exerceram. Esses resultados corroboram mais uma vez aqueles da pesquisa de Safer (1996), que ressaltam que a idealização da figura materna concebida como inalcançável pode causar insegurança no momento em que a filha vai exercer a maternidade. Nesse viés, o discurso público detém o modelo do que deveriam ser consideradas as “boas mães”, um ser abnegado, paciente e devotado ao cuidado do filho. Como o ditado popular, disseminado pelo senso comum, que aponta que “ser mãe é padecer no paraíso”, em que a figura materna é aquela que carrega as exigências da maternidade e suporta essas demandas com sorriso no rosto.

Nessa perspectiva, é na experiência com a própria mãe que a mulher adquire a noção da maternidade. A figura materna passa a ser para a filha a referência como ideal de maternidade ou como exemplo a não ser seguido. De modo consciente ou inconsciente, nenhuma escolha a respeito da maternidade pode estar livre da interferência da relação materno-filial. De acordo com o apresentado pelas entrevistadas, as mães transmitem um legado emocional para as filhas, e a herança recebida influencia como vão compreender a maternidade.

Considerações finais

Por meio deste estudo pôde-se observar o significativo crescimento de mulheres que declaram não desejar ter filhos. Na presente pesquisa, o número de participantes que rejeitam a decisão reprodutiva foi a maioria, para a nossa surpresa, uma vez que a maternidade sempre foi considerada um pilar fundamental da identidade feminina.

Outro aspecto inesperado dos resultados encontrados foi a carreira profissional não ser apontada como relevante impedimento para maternidade. A crença no conflito existente entre maternidade e trabalho sinaliza que um dos motivos para não ter filhos esteja na busca por ascensão profissional. Porém, algumas participantes demonstram que apesar do difícil equilíbrio entre maternidade e trabalho, existem estratégias para que isso seja feito sem muitos prejuízos. Tal resultado leva à reflexão de que o discurso coletivo considera como as duas principais vias de realização para a mulher a maternidade e o percurso profissional.

Neste viés, um ponto que também apresentou ter influência na decisão de não ter filhos foram as consequências da maternidade para liberdade individual das entrevistadas. Compreendemos que para essas mulheres dar a vida implica em perder a própria vida, uma vez que teriam que abdicar até de si mesmas, em prol do cuidado com outro.

Outra questão igualmente importante que emergiu em várias entrevistas foi a díade mãe e filha interferindo na motivação para não ter filhos. A ideia de maternidade pode ser construída a partir das identificações com a mãe, das vivências infantis com a figura materna, assim como da qualidade dos cuidados que as mulheres receberam quando criança. Em relação às entrevistadas, a vivência da maternidade da mãe, repleta de abdições, se apresentou como aspecto negativo para a maternidade.

A partir dos resultados, pudemos observar que o processo de parentalização também se relaciona com o desejo de não ter filhos, devido ao excesso de responsabilidades atribuídas às mulheres na infância. Constatamos, a necessidade de

maior reflexão sobre essa temática, uma vez que existe uma escassez teórica na produção nacional relacionando parentalização e à não maternidade.

Contudo, ao mesmo tempo em que a maioria das entrevistadas defendem a escolha pela não maternidade, elas demonstram emoções contraditórias e enunciam falas ambivalentes. Compreendemos que essas declarações flutuantes são consequências de uma sociedade pró-natalidade, na qual se recusar a ter filhos ainda não é aceitável. Não obstante, mesmo quando as mulheres conseguem expressar que não querem ter filhos, elas se confrontam com o peso da própria escolha, avaliam a possibilidade de arrependimento, se questionam se estão sendo egoístas, apontando insegurança em relação à decisão tomada. Entendemos que o desejo não é linear e pode ser ambivalente, de modo que algumas mulheres ao longo do tempo desistiram do projeto de filhos, outras nunca os quiseram, enquanto outras ainda avaliam a possibilidade de tê-los. Percebemos nas falas das participantes que era um dilema genuíno, nada simplista, revisado e analisado periodicamente por elas, à medida que situações e questionamentos colocavam o assunto em evidência. Apesar de manifestarem a intenção pela não reprodução, são muitos os fatores que agem em direção à maternidade. Sendo assim, cabe destacar que os motivos referentes à não maternidade são multifacetados e subjetivos, e permeiam questões conscientes e inconscientes. Embora algumas participantes tenham verbalizado pontos que as fizeram optar por não ter filhos, sabemos da complexidade dessa escolha.

Por fim, o trabalho permitiu pensarmos sobre o discurso social que garante que a mulher contemporânea possui a liberdade de escolher ser mãe ou não. Porém, o mesmo discurso que legitima, aprisiona a mulher, que decide não ter filhos, em estereótipos. A sensação de liberdade está ligada a uma rede complexa de controle do indivíduo, isto é, existe a estratégia de proporcionar à mulher a sensação de autonomia, porém, enredada em um contexto que escolhe por ela. Nesse sentido, a mulher acredita que rompeu com antigos grilhões e realidades, mas muitas vezes reproduz a postura

que a sociedade espera dela. E a essência dessa contradição se encontra nos mecanismos usados pelas "novas autoridades" (famílias, médicos, governantes) em camuflar o cumprimento das normas sociais em um desejo do outro. Assim, embora mais mulheres passem a decidir não se tornarem mães, a expectativa social ainda é de que a maioria faça a "escolha correta"; pela reprodução.

Contudo, as mulheres que não desejam a reprodução existem, e demandam ter voz e serem ouvidas no seu discurso. Embora os sentimentos em torno da recusa por ter filhos sejam complexos e ambivalentes, reconhecer o fenômeno da não maternidade e buscar compreendê-lo é uma forma de construção de uma nova identidade feminina. Em razão do advento da contracepção, o mundo das mulheres se diversificou e não reconhecê-lo é cegueira. Cabe salientar a limitação teórica deste estudo, na medida em que foi encontrada uma carência de pesquisas nacionais atuais abordando as motivações referentes à não maternidade. A pouca literatura encontrada evidencia a importância da produção científica acerca desta temática. Muitas entrevistadas se descreviam solitárias e incompreendidas ao trilhar o caminho da não maternidade. Por esta razão, o aprofundamento de estudos sobre esse assunto, permitirá um novo olhar sobre a maternidade e a identidade feminina. Entendemos que o melhor legado não biológico que mulheres sem filhos pode oferecer é a transmissão de uma nova construção de feminilidade.

Referências

- Agrillo, C., & Nelini, C. (2008). Childfree by choice: A review. *Journal of Cultural Geography*, 25(3), 374-363. doi: 10.1080/08873630802476292
- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Blair-Loy, Rogers, Glaser, Wong, Abraham & Cosman, (2017). "Gender in Engineering Departments: Are There Gender Differences in Interruptions of Academic Job Talks?", *Social Sciences, MDPI, Open Access Journal*, 6 (1), 1-19. doi:10.3390/socsci6010029

- Braga, R. C., Miranda, L. H., & Correio, J. P. C. (2018). Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 523-540. ISSN 2448-0738
- Brazelton, T. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bruzamarello, D., Patias, N. D., & Cenci, C. M. B. (2019). Ascensão profissional feminina, gestação tardia e conjugalidade. *Psicologia em Estudo*, 24, e41860. doi: 10.4025/1807-0329e41860
- Brooks, C. (2019) Meaning-Making Among Intentionally Childless Women. *International Journal of Transpersonal Studies*, 38(1), 140-153 doi: 10.24972/ijts.2019.38.1.140
- Donath, O. (2017). *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Trad. de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1925/1976). Algumas consequências psíquicas na distinção anatômica entre os sexos. Rio de Janeiro: Imago.
- Fidelis, D. Q., & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, (42), 122-135. ISSN 1413-0394. Recuperado em 11 de dezembro de 2019.
- Gillespie, R. (2000). "When No Means No: Disbelief, Disregard and Deviance as Discourses of Voluntary Childlessness." *Women's Studies International Forum* 23(2):223-234.
- Hoffman e Hoffman (1973) The value of children to parents. (In) J. T. Fawcett (Org.) *Psychological perspectives on population* (pp. 19-76). New York: Basic Books.
- Houseknecht, S. K. (1977). Reference group support for voluntary childlessness: Evidence for conformity. *Journal of Marriage and the Family*, 39, 285-294.
- Jurkovic, G. (1997). *Lost childhoods. The plight of the parentified child*. New York: Brunner-Routledge.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Letherby, G. (2002). Childless and bereft?: Stereotypes and realities in relation to 'voluntary' and 'involuntary' childlessness and womanhood, *Sociological Inquiry*, 72(1), 7-20. doi: 10.1111/1475-682X.00003
- Lima, M. G. R. (2013). *Filhos? Só depois. Um retrato da mulher contemporânea*. São Paulo: Editora Zagodoni
- Mello, R.; Féres-Carneiro, T.; & Magalhães, A. (2019). Crianças parentalizadas: diálogo entre Ferenczi Boszormenyi-Nagy. In. Féres-Carneiro, T. (Org.), *Casal e Família: Filiação, intergeracionalidade e violência*. (pp.181-199). Rio de Janeiro. Editora Ed. PUC-Rio: Prospectiva.
- Miller, W. B., Severy, L., & Pasta, D. (2004). A framework for modelling fertility motivation in couples. *A Journal of Demography*, 58(2), 193-205.

- Nason, E. M., & Paloma, M. M. (1976). *Voluntarily childless couples*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Rocha-Coutinho, M. (2011). De volta ao lar: mulheres que abandonaram uma carreira profissional bem-sucedida com o nascimento dos filhos. In: Féres-carneiro, T. (Org.). *Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. (pp. 103-117). Rio de Janeiro: Casa do psicólogo.
- Safer, J. (1996). *Além da Maternidade: Optando por uma vida sem filhos*. São Paulo: Editora Mandarim.
- Shover, L. R. (2005). Motivation for parenthood after cancer: A review. *Journal of the National Cancer Institute Monographs*, 34, 2-5. doi: 10.1093 / jncimonographs / lgi010
- Tanturri, M.L. & Mencarini, L. (2008). Childless or childfree? Paths to voluntary childlessness in Italy. *Population and Development Review*, 34(1): 51–77.
- Varas, G. V. & Borsa, J. C. (2021). Predictor variables of childbearing motivations in Brazilian women and men. *Paidéia* 31, e3112. doi: 10.1590/1982-4327e3112

Agradecimento. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Submetido em: 10.05.2021

Aceito em: 14.03.2022